

JÚLIA KRISTEVA E SEU PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

JULIA KRISTEVA AND HER CONTEMPORARY THOUGHT

Thiago da Silva Soares¹
Vitor da Silva Amâncio²

RESUMO

O presente artigo visa apresentar o pensamento e a história de Júlia Kristeva, analisando a estrutura de sua produção filosófica que toca diversos campos do conhecimento como a psicanálise, a análise de conjuntura política, o feminismo crítico e até mesmo a sua notória produção sobre a semiótica. Considerada como uma das maiores pensadoras vivas, ela apresenta seu arcabouço filosófico múltiplo como evidência máxima de sua contemporaneidade.

Palavra-chave: Semiótica. Psicanálise. Política. Julia Kristeva.

ABSTRACT

This article aims to present Julia Kristeva's thought and history, analyzing the structure of her philosophical production that touches various fields of knowledge such as psychoanalysis, political conjuncture analysis, critical feminism and even her notorious production on the semiotics. Considered one of the greatest living thinkers, she presents her multiple philosophical framework as the ultimate evidence of her contemporaneity.

Keyword: Semiotics. Psychoanalysis. Politics. Julia Kristeva.

¹ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Pedagogo pela Faculdade Anhanguera. *E-mail*: thiagodass@gmail.com

² Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Bacharelado em Direito pela FMU – São Paulo. *E-mail*: vitor.sa.93@gmail.com

INTRODUÇÃO

Uma pensadora Búlgaro-Francesa, nascida em 24 de junho de 1941. Pensadora, pois é difícil resumir todos os atributos dados a ela que vão desde filósofa feminista até um conspecto mais abrangente, incluindo psicanalista, educadora, filóloga, romancista dentre outros títulos que revelam a vasta produção literária de Kristeva. Seu pensamento é considerado singular pelos seus críticos, pois eles adentram em questões de análise política até análises psicanalíticas aliadas à linguagem para explicar os processos de construção do humano.

Seu pensamento está profundamente encarnado nas peculiaridades comuns a qualquer um que esteja atuando dentro do mundo contemporâneo. Pois seu trabalho apresenta uma ampla interdisciplinaridade sem, porém, perder a coerência de pensamento. Mesmo nas diversas vezes que ela não hesitou em voltar atrás em algumas de suas colocações – o que mais uma vez a identifica como uma pensadora contemporânea – ela nunca se desalinhou da filosofia estruturalista.

Em todas as áreas do conhecimento das quais ela alçou seu pensamento – como a própria psicanálise, o feminismo e a semiótica – ela produziu uma nova perspectiva contribuindo para o desenvolvimento da mesma. Uma qualidade particular desta pensadora que se destaca como uma das mais célebres mulheres do século XX.

1 O DESENVOLVER DE UMA PENSADORA

Ainda infante, foi matriculada pelo seu pai, Stoyan Kristev, numa escola francófona em Silven, sua cidade natal, a fim de absorver o espírito crítico e livre do pensamento francês – tendo em vista que a Bulgária de seu tempo estava sob domínio soviético. Foi justamente ali que Júlia se interessou pelo estudo desta língua. Mais tarde, ingressou na Universidade de Sofia, na capital búlgara, onde cursou linguística e literatura francesa.

Graças a uma bolsa de estudos de seu programa de pós-graduação oferecida pelo governo francês, emigrou para Paris em 1965 aos 24 anos, onde passou por diversas faculdades até concluir o seu doutoramento em linguística pela École Pratiques des Hautes Études – Paris.

Desde então trabalhou com os mais importantes nomes da filosofia do século XX, dentre eles: Barthes, Levi-Strauss, Lacan e Foucault. É considerada a herdeira do pensamento estruturalista e pós-estruturalista, devido ao seu trabalho intelectual

com os filósofos supracitados. Dentre esses trabalhos, destaca-se um de importante impacto em sua vida: o trabalho no grupo de filósofos vanguardistas *Tel Quel* - que produziam uma revista de mesmo nome, onde publicavam ensaios estruturalistas e sobre o desconstrucionismo. Foi ali que ela conheceu o fundador da revista, o crítico Philippe Sollers, com quem permanece casada desde 1967.

Ali também onde se alinhou ao marxismo cultural, tendo inclusive viajado para a China maoísta em 1974, a fim de apoiar a revolução cultural promovida por Tsé Tung, embora, tanto ela como todo o corpo editorial da *Tel Quel*, rechaçaram a revolução cultural chinesa dois anos mais tarde. Sua participação na vida política teve episódios marcantes como o seu envolvimento ativo nos protestos de maio de 1968.

Sua defesa pela democracia e sua enérgica crítica a toda espécie de totalitarismo, incluindo os que pertencem ao espectro político de esquerda apesar de sua defesa ideológica, causaram-lhe duras resistências e críticas. A mais recente acusação, que aconteceu na última semana de Maio de 2018, partiu de um órgão do governo búlgaro que alegou que Kristeva foi uma agente comunista na era de dominação soviética na década de 70 sob o codinome de Sabine.

Além de se tratar de provas inconclusas sobre a acusação, a notícia dividiu a opinião dos cidadãos búlgaros, uma vez que qualquer ligação com o antigo regime ditatorial é motivo de reprovação para a população. Ela mesma se defendeu dizendo que se tratava de mentiras, recebendo apoio dos estudiosos que se debruçaram sobre os seus trabalhos, já que ela é reconhecida como firme defensora dos ideais democráticos europeus.

2 O MOVIMENTO FEMINISTA E O SEU FEMINISMO PSICANALÍTICO

Outro aspecto de seu pensamento é a sua crítica feminista da sociedade, da qual não poupa sequer o próprio movimento feminista dominante. Em sua perspectiva da semiótica e da construção do sujeito, ela se opõe a Simone de Beauvoir que denunciou a maternidade como meio de alienação do feminino pelo patriarcado, pois considera que o papel da maternidade pode ser um instrumento positivo no processo de construção do indivíduo.

Esta foi uma linha de pensamento muito comum na segunda geração de feministas, na segunda metade do século XX. Ao lado de Kristeva estavam também as feministas Hélène Cixous e Luce Irigaray, que aprofundaram a questão do feminismo às questões sobre a categoria de gênero como única e absoluta. Para esse grupo, de

onde nota-se a grande influência do pensamento estruturalista, o gênero é construído psicologicamente dentro de um contexto social dado ao indivíduo.

Para Kristeva, a maternidade é um instrumento primeiro da construção do sujeito, que é encorajado na direção da afirmação de sua identidade durante a vida pós-uterina – a rejeição do papel da mãe conforme análise freudiana. Também a sua crítica a Beauvoir aponta o risco de que o feminismo não adote, parcial ou totalmente, os abusos do machismo denunciados por ela.

Para além das concepções do feminismo sob sua ótica, Júlia disserta também acerca do feminino na contemporaneidade. Escreveu sobre quem ela considera as três grandes expoentes do pensamento feminino do século XX. Na sua trilogia *O Gênio Feminino*³, ela escreve sobre Hannah Arendt (1906 -1975) – e as suas contribuições do campo político-social; Melanie Klein (1882 - 1960) – recompondo todo o seu trabalho no campo da psicanálise – e Sidonie Colette (1873 – 1954) – enquanto análise psicanalítica sobre a sua vida e os paradoxos vividos pela escritora francesa. Na obra ela também investiga sobre a descoberta de um gênio feminino e como este é um contributo para a redescoberta histórica do trabalho intelectual das mulheres – o que impulsionou para uma conquista de um espaço para as pensadoras dentro da produção intelectual europeia.

3 O RECONHECIMENTO DE SEU TRABALHO

Apesar de seu ateísmo declarado, ela atendeu ao pedido do papa Bento XVI e aceitou o convite para participar da terceira Jornada de Oração pela Paz, um encontro inter-religioso que reuniu mais de 300 representantes das mais diversas religiões do mundo na cidade italiana de Assis. Durante o encontro ela discursou para os participantes onde defendeu valores do humanismo secular como derivação do humanismo cristão e reafirmou a urgência da crença nos valores humanos como pontes necessárias entre os crentes e os não-crentes. Posição esta que já era defendida por ela:

Diferentemente de Freud, eu não afirmo que a religião é somente uma ilusão e uma fonte de neuroses. Chegou o tempo de reconhecermos, sem medo de ‘assustar’ pessoas de fé ou agnósticos, que a história do cristianismo preparou o mundo para o humanismo⁴ (KRISTEVA, 2009).

³ KRISTEVA, Julia. **O Gênio Feminino** - a Vida, a Loucura, as Palavras. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

⁴ KRISTEVA, Julia. **This Incredible Need to Believe**. New York, Columbia University, 2009.

Destacou também em seu discurso, entre aquilo que ela evidenciou como sendo os dez princípios do humanismo secularizado, o papel feminista do humanismo do qual também se sensibiliza para a maior emancipação do feminino dentro de todos os setores da sociedade.

A importância de seu pensamento mereceu notáveis reconhecimentos dentre os quais podemos citar os inúmeros prêmios – incluem-se os prêmios: Hannah Arendt de pensamento político em 2006 e Holberg, de ciências humanas – além dos seus doze títulos de doutoramento *Honoris Causa*, concedidos por diversas universidades nas Américas, na Europa e em Israel. Durante várias décadas, Julia Kristeva lecionou na Universidade de Paris Diderot – onde hoje é professora emérita – e na Universidade de Columbia em Nova Iorque, como professora convidada

4 O ABJETO

Dentro de suas análises psicanalíticas, Kristeva descreve o que ela chama de abjeção. Esta é uma situação que está para além da mera objetivação, mas uma profunda exclusão do sujeito. Uma imagem que caracteriza essa redução antropológica está presente nos grupos de minoria: imigrantes, negros, homossexuais.

Numa perspectiva psicanalítica, o abjeto se comporta como o ego marginalizado pelas imposições regulares do superego e que não se submete a este. A afirmação da identidade do abjeto é paralela ao processo de emancipação do sujeito dentro do desenvolvimento humano previsto pela psicanálise, a modo de construir uma identidade própria e nova.

O conceito de abjecto foi apresentado por Júlia Kristeva na obra *Pouvoirs del'horreur: essai sur l'abjection*, de 1980. A definição de Kristeva para o termo em destaque diz respeito a um estado de crise, de degradação, de desgosto de si e desgosto dos outros; fixação para com um estágio do desenvolvimento do sujeito, este enquanto indicativo de um o ego face ao detrito. Outro aspecto que melhor identifica a ideia da filósofa remete a uma condição de perigo, isto é, estar à margem dos processos que permitem a socialização dos indivíduos; neste espaço de limite entre as estruturas que delimitam aquilo que é aceitável, ou seja, dentro da ótica social, o estar à margem figura senão uma ligação com o perigo, com uma fonte de poder, com forças da desordem que não possibilitam um ganho de prazer à instância psíquica compreendida enquanto ego. Deste modo, considera-se abjeto:

Poderemos, deste modo, considerar que o objecto é uma espécie de flecha do processo de subjetivização do indivíduo. O sentimento de repulsa e, o conseqüente instinto de rejeição, é algo que faz visceralmente parte do indivíduo, que lhe surge como natural, mas que faz parte de um processo cultural. Neste ponto, é importante não se partir do princípio que se trata de um processo existente na natureza mas de uma reacção socialmente mediada que está intrinsecamente ligado ao que Freud chamou “Urverdrängung” (recalcamento primordial). A primeira abjecção (rejeição) tem lugar assim que a criança aprende a distinguir entre si e o seu meio envolvente. Neste período, a criança começa a aprender a controlar a absorção e rejeição do alimento (fase anal), que é simbolicamente equivalente ao objecto. A partir do momento em que o acto da nutrição é sentido como controlável, pode representar um ganho de prazer. Se este processo não for bem sucedido, podem resultar depressões que se manifestam pela fixação no “objecto arcaico” levando o Eu a experienciar-se enquanto detrito (NOLASCO, 2010, p. 163).

Na constituição real dos indivíduos, forças instintivas estão a atuar de modo dinâmico e independente dos conteúdos conscientes. O ser humano no início de sua existência figura senão um organismo dotado de desejo e pulsões; estes caracteres estão a atuar de modo livre, não coagido pelas forças exteriores (normas e padrões comportamentais) que regulam o espaço das relações dos seres já constituídos à luz do processo cultural e civilizatório. Nesse estágio do desenvolvimento humano, onde impera a desordem das forças elementares do gênero em questão, o vivente traz consigo elementos, que à luz do processo civilizatório, comprometem a identidade humana, visto que as pulsões inerentes ao instinto de conservação respondem unilateralmente à constituição do “sujeito do desejo” (não constituído numa relação com objeto exterior), fechado em si mesmo, situação que o coloca à margem da estrutura enquadrada enquanto social. Nesse movimento primordial da constituição dos indivíduos, não se tem relação sujeito e objeto, observa-se somente a dinâmica dos instintos, desejos, direcionados para alimentar um sistema fechado, isto é, as tendências sexuais que atuam de modo independente reúnem-se numa só e são direcionadas para a instância psíquica constituída antes mesma da relação sujeito e objeto. Basilar à constituição dos indivíduos, Kristeva demarca abjeto enquanto:

De modo análogo como Douglas salienta o papel das impurezas e dos seus rituais de neutralização na formação da identidade

de uma sociedade, Kristeva remete a constituição do objecto, do impuro, para mecanismos que se tornam relevantes na tenra infância e que estão na origem do nascimento do homem como criador de símbolos. O objecto é, simultaneamente, o vazio que ameaça a identidade humana e aquilo que cerca a clareira do seu ser, é o pulsar do seu instinto de conservação. É um ab-jecto que não é passível de ser um objecto e que já não é passível de ser sujeito (NOLASCO, 2010, p. 163).

Entre as fronteiras do objeto e o sujeito, está a demarcação daquilo que Kristeva identifica enquanto objecto, ou seja, diz respeito ao inaugural da possibilidade da constituição de um sujeito, não mais compreendido enquanto realidade fechada em si (sujeito do desejo), mas que procura direcionar suas pulsões a um objeto exterior, este existente na medida em que está formada a instância psíquica que responde pelos conteúdos conscientes do indivíduo. Porém, este espaço entre relação de objeto exterior e sujeito, em Kristeva adquire um significado totalmente diferente ao do Unheimliche (inquietante) de Freud:

Daqui decorre, como observa Kristeva, que a constituição do sujeito do desejo antecede a constituição desse objecto exterior; “encontramo-nos diante da correlação estranha entre uma identidade (o eu) e o seu recíproco (o objecto) que não está ainda constituído; diante de um ‘eu’ em relação a um não-objecto”. Deste modo, “o objecto seria, então o ‘objecto’ do recalamento originário”. Através do objecto dá-se o “reconhecimento da perda fundadora de todo o ser.” É a experiência desta perda que leva à oposição entre o sujeito e o objecto. Sendo anterior à existência destes, o objecto é, portanto, a marca corporal da abjecção de si mesmo (NOLASCO, 2010, p. 164).

Deste modo, o objecto apresentado por Kristeva revela uma fase anterior à constituição de um sujeito posto em relação com um objeto exterior. Freud concebe o Unheimliche como algo de simultaneamente estranho e familiar:

Como denota o termo que deriva da justaposição de dois opostos: *Heimlich*, vem da palavra Heim, que significa o berço natal, algo de muito forte na cultura alemã e que exprime aquilo que protege e que é inerente ao ser, que confere Geborgenheit, sentimento de bem-estar que o feto sente no útero; e pelo prefixo Un – negação correspondente ao prefixo “des” em português. Deste modo, *Unheimlich*, significa o sentimento semelhante ao que se tem quando algo estranho invade o nosso espaço íntimo (NOLASCO, 2010, p. 164).

Kristeva diverge de Freud quanto ao conteúdo de abjecto, pois a filósofa trata deste enquanto constructo que não reconhece os seus próximos. Nesse sentido, o abjecto experimenta-se como nada, pois não existe um correlato que figure algo contrário. Aqui nesse espaço não existe a necessidade da repressão por forças externas, pois o mesmo está inscrito num universo que confere significado próprio.

O abjecto não tem necessidade de ser reprimido pois ele está inscrito no próprio significante que instaura o símbolo e a tríade. Está no reverso da linguagem como a experiência do vazio que o homem tenta expulsar de si. É a pulsão do vômito do vazio. Não sendo algo bem definido nem separado distintamente do “Eu”, o abjecto faz o sujeito sentir-se uma estrutura frágil e provisória (NOLASCO, 2010, p.166).

Nesta abertura, posta enquanto vazio, emerge a possibilidade da construção de sujeito, processo esse que deve ser conduzida de forma prazerosa, uma vez que “o Eu em processo de formação tem de proteger-se contra as ameaçadoras influências exteriores” (NOLASCO, 2010, p. 166). O lance inicial para a constituição desse sujeito em relação com o objeto exterior dá-se na tenra idade, na relação do Eu em processo de formação com a mãe. Essa relação, conforme afirma Kristeva traz consigo o medo da perda do eu, enquanto realidade com significado próprio, não cunhado por leis exteriores. Entretanto, se o afastamento da mãe figura um processo necessário, pois preso nessa relação primordial:

A díade criança-mãe – que Kristeva identifica com a topologia narcisista –, não representa a calma segurança subentendida por Freud, mas uma estrutura instável contra a qual o sujeito tem de demarcar-se: “[...] do nosso ponto de vista, a relação arcaica com a mãe, por mais narcisista que seja, não é nenhum repouso para os protagonistas e ainda menos para o Narciso. Pois, das incertezas das suas fronteiras como das suas valências afectivas [...] o sujeito guardará para sempre as marcas.” A mãe passa a ser vivida como um poder que ameaça engolir o, ainda frágil, sujeito; “o abjecto confronta-nos [...] com as nossas tentativas mais antigas de nos desmarcarmos da identidade maternal” (NOLASCO, 2010, p.166).

Quando Kristeva trata do perigo inerente ao abjecto, o mesmo é notado nessa relação sufocante apresentada na díade criança-mãe. Tal relação adquire significação negativa, pois o processo para a construção do sujeito aberto para a significação com o

mundo é ameaçado pelos limites dessa relação. Nesse espaço circunscrito entre sujeito e objeto, o objecto é refém dos ditames que pregam a relação matriarcal, ou seja, não há condições para a criação de estruturas sociais. Deste modo, a relação circunscrita na díade figura um elemento ameaçador para com o eu em processo de formação.

Como fase ulterior, Kristeva afirma que o campo que constitui a linguagem permite o avanço no processo de constituição do sujeito, uma vez que o mesmo passa a participar de um campo permeado com signos que revelam a dinâmica do mundo que lhe é oposto. Este campo simbólico inerente ao mundo percebido enquanto estrutura social, constitui a tríade sujeito, objeto e significante, instaurado pela figura do pai, esse enquanto representante da interdição, a lei. Nesse sentido, a participação no universo simbólico responde pela etapa que completa a libertação do eu circunscrito na díade criança e mãe:

A relação entre a criança e a mãe é apenas uma simbiose aparente. Este imaginado estado primordial é descrito como uma *chora*³⁰ (em grego, “espaço vazio”). Este estado, ou seja, o desejo e a saudade dele devem ser abandonados. Para a superação desta fase da vida e para a sempre necessária confirmação do si é imprescindível a confrontação com a *chora* materna, a qual exige um perpétuo vaivém entre a saudade da fusão, o desejo de engolir, o medo de ser engolido, o ódio e o medo de ser abandonado. Apenas a instauração do simbólico, que estabelece o sujeito enquanto separado, o pode libertar deste inferno de tortuosas ambivalências (NOLASCO, 2010, p.167).

Logo, a proibição do incesto permite o findar do narcisismo primário, concomitante, suas ameaças ambivalentes que pesam sobre a identidade subjetiva. Tal proibição impede o retorno, permanência num abjeto, pleno de prazer, distante da função simbólica que participa da estruturação da realidade exterior, da relação sujeito-objeto-linguagem.

5 SEMIÓTICA

Como grande parte das áreas de conhecimento das quais o pensamento de Júlia alcança, também é feita uma releitura do estudo da semiótica. Ela o distancia do pensamento original de Peirce e Sassure por integrar elementos de sua experiência com a psicanálise. Ela identifica dois elementos essenciais da linguagem: o simbólico e o semiótico, no qual o primeiro é regido pelas regras gramaticais e da sociedade,

justamente dentro do campo do simbólico é onde Júlia enquadra a teoria da linguagem de Sussure. O processo de abjeção, que é estudado por ela, se enquadraria justamente neste moralismo do mundo simbólico.

Júlia, entretanto, prioriza o campo da semiótica, onde ela defende a existência de um Eu pré-linguístico, gestado junto com a pessoa e que sobrevive da experiência pós-uterina. Este é anterior a toda regra do mundo simbólico e é ainda identificado como essencialmente maternal, por ser gerado com consonância com a pessoa da mãe, que não foi alienado com a linguagem patriarcal da sociedade. Esta é a razão pela qual ela não se alinha às críticas radicais da primeira geração feminista.

A subjetividade é, assim, realocada ao universo da intertextualidade de tal modo que o sujeito não morra, mas seja ele compreendido dentro da linguagem e influenciado por ela – pois o texto sem o sujeito leitor nada diz. Assim, a subjetividade é fundamentada no corpo do indivíduo, mesmo sendo fruto de uma variedade de pluralidades externas: masculino, feminino, nacionalidade, cultura. Desta forma ela relaciona a intersubjetividade a uma conceituação linguística que é a intertextualidade.

6 INTERTEXTUALIDADE

A palavra intertextualidade é tida como uma das primeiras correlacionadas às contribuições deixadas por Mikhail Mikhailovich Bakhtin⁵. Ao estudar os livros do romancista russo Fiódor Dostoievski⁶, Bakhtin identificou que os seus escritos apresentavam discursos que dialogavam em pé de igualdade (relações dialógicas), isto é, não havia predominância de uma fala sobre a outra. Com base nessa constatação, Bakhtin afirma que Dostoievski é o responsável por inaugurar o romance polifônico. Entretanto, o filósofo russo não apresenta tal recurso como diálogo entre textos. Conforme afirma Maciel⁷:

⁵ Nascido no dia dezessete de novembro do ano de 1895 em Orel (Rússia) e falecido no dia sete de março de 1975, Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um pensador e filósofo, além de teórico de artes e cultura da Europa. Considerado um dos maiores estudiosos da linguagem humana, suas obras sobre diversos temas influenciaram uma infinidade de pensadores de diversas áreas como: crítica da religião, estruturalismo, semiótica e marxismo. Além disso, também teve forte influência nas seguintes disciplinas: psicologia, antropologia, história, filosofia, crítica literária, entre outras.

⁶ Fiódor Dostoievski (1821-1881) foi um escritor russo. Autor de “Os Irmãos Karamazov” e “Crime e Castigo”, obras-primas da literatura universal. Seus romances abordam questões existenciais e temas ligados à humilhação, culpa, suicídio, loucura e estados patológicos humanos.

⁷ Professor Adjunto A. Doutor em Linguística Aplicada/IEL-Unicamp. *E-mail*: lucasvcmaciel@yahoo.com.br.

No viés bakhtiniano, pensar em dialogismo, em relações dialógicas, significa considerar os sujeitos (discursivos) implicados no processo de comunicação. As relações dialógicas se forjam na assunção explícita ou implícita, consciente ou não, de vozes alheias (MACIEL, 2017, p. 140).

Deste modo, a leitura de Bakhtin valora de forma única a autoria da voz, isto é, destaca que a voz identifica a expressão da posição do falante individual em sua situação concreta da comunicação circunscrita na ação discursiva. Nesse sentido, prevalece a ideia de pessoa sujeito da escrita, uma vez que, para o filósofo russo, “o texto é um enunciado, o diálogo entre textos é um diálogo entre enunciados, e por trás do enunciado, existe o falante, o sujeito dotado de consciência” (BEZERRA, 2011, p. 17).

O termo intertextualidade conquistou projeção significativa no Ocidente em virtude dos escritos produzidos por Júlia Kristeva (*A palavra, o diálogo e o romance*, 1966). Entretanto, representantes do pensamento de Bakhtin observam divergências quanto à relação do vocábulo intertextualidade dentro das teorias criadas pelo filósofo, pois “na obra bakhtiniana, não ocorrem termos interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade, intertextualidade” (FIORIN, 2006, p. 162). Dentro desse ocular, isto é, no que tange às observações das teorias de apresentadas tanto por Júlia Kristeva e do filósofo russo, “a palavra intertextualidade estaria entre aqueles deméritos de Kristeva, responsável por uma deturpação do pensamento e da teoria de Bakhtin” (BEZERRA, 2011, p. 12).

À luz dessa divergência teórica, da não comunhão de perspectivas teóricas, Maciel afirma:

Realmente a perspectiva de Kristeva é confusa, pois sua noção de intertextualidade se fundamenta no apagamento do sujeito, como se fosse possível a relação apenas entre textos, tomados como entes abstratamente relacionáveis. Isso é oposto ao pensamento bakhtiniano, uma vez que o autor é inerente ao texto, condição indispensável ao enunciado ou à voz. As relações dialógicas precisam de sujeitos que selecionem, citem ou procurem apagar as vozes com as quais se relacionam (MACIEL, 2017, p. 143).

O modo de Kristeva conceber sua visão de intertextualidade responde a uma possibilidade da manifestação do dialogismo, aqui visto enquanto relações entre

um texto e outro. Entretanto, na visão bakhtiniana as relações entre textos são compreendidas enquanto vozes pertencentes a sujeitos, estes passíveis de identificação ou não.

Em consonância com o pensamento de Kristeva, o termo intertextualidade responde senão a uma abordagem real da constituição do texto. Essa possibilidade de perscrutar as nuances que constituem o escrito, revela senão que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 2005, p. 68).

À luz dessa análise dirigida à produção de textos, tem-se que, toda obra compilada, figura enquanto tal, na medida em que emerge de contribuições anteriores, isto é, a contribuição que um determinado autor apresenta por meio das linhas de seu trabalho escrito, brota tão somente de leituras que o mesmo realizou em momento primeiro, ou seja, o lance posterior que identifica a sua produção não parte do nada, mas apresenta, como plataforma, escritos de outros movimentos da produção gráfica literária que antecederam a contribuição do seu pensamento.

O termo intertextualidade, conforme aponta Kristeva, figura uma relação entre textos, ou seja, revela a importância que outras obras exercem sobre a produção de uma futura produção. Nesse viés de observação quanto à estruturação de uma obra literária, afirma-se que qualquer texto é projetado à luz de algum elemento presente em outro escrito:

O texto não é um conjunto de enunciados gramaticais ou agramaticais; é aquilo que se deixar ler através da particularidade dessa conjunção de diferentes estratos da significância presente na língua, cuja memória ela desperta: a história (KRISTEVA, 2005, p. 20).

A classificação de intertextualidade apresentada por Kristeva, tendo por lance inicial o estudo de Bakhtin, tem sua origem na observação das obras literárias, estas datadas desde o período antigo até os tempos hodiernos. Nessa perspectiva, a literatura figura senão um modo de dizer à luz de sentenças ou produção que já foram ditas, estas por sua vez consolidadas em produções primárias. Nesse processo, o gênero humano identifica características de uma obra classificada enquanto texto fonte ou de uma rede de signos previamente estabelecida e compartilhada. Uma contribuição desta propriedade constitutiva do texto está na disseminação de textos anteriores em produções ulteriores.

No âmbito da literatura, o termo intertextualidade, adquire projeção significativa num cenário circunscrito nas últimas décadas. O conceito “passa a ser amplamente adotado como forma de definir as relações estabelecidas entre textos de um mesmo campo semiótico” (CAVALCANTE, 2009, p. 12). Kristeva aborda também a questão da intertextualidade referindo-se à relação entre autor e leitor (intersubjetividade), quando diz que:

“Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Nessa relação, estão presentes dois eixos, um horizontal e o outro vertical. Na junção desses dois eixos verifica-se a ocorrência da intertextualidade, isto é, a relação entre um texto e os demais (intertextos), sejam eles de um mesmo período histórico ou primários ao texto que com eles estabelece um diálogo. No processo da leitura desses textos, tem-se que o leitor (destinatário) estabelece uma construção de significados à luz de sua bagagem literária somada ao texto que evoca tal repertório, ou o diálogo com elementos textuais de diferentes produções presentes na obra ulterior posta em contato com o seu leitor. Entretanto, o processo de leitura desdobra-se em constantes projeções:

Mas ler equivale a escrever – daí que ler não é inscrever as diversas citações a partir das quais o texto erige; é, antes, perdê-las e/ou acrescentar outras (as perdidas podem ser reencontradas em outra leitura; as acrescentadas, esquecidas etc.): se a origem e o destino do texto são, sempre, projeções da leitura, não há começo nem fim do texto – não há unidade. Uma leitura é, apenas, o reencontro e o diálogo com outras leituras; é um mero ingresso no jogo textual. Jogo cujo princípio e cujo fim são remotos, esparsos, irrelevantes praticamente: tentar prever o que há antes ou após o jogo, tentar medir suas dimensões e seu silêncio, tentar projetar uma voz original que a tudo explica – essa ânsia te(le)ológica não escapa ao jogo, e nem o poderia (SILVA, 2003, p. 215).

Outro ponto, relevante no que tange à palavra aqui posta em questão, está no reconhecimento adquirido enquanto partícipe da cidadania acadêmica, fato esse que adquire consideração significativa, pois o termo obteve semelhante classificação antes mesmo de o vocábulo dialogismo figurar notoriedade nas pesquisas desenvolvidas no âmbito linguístico e literário.

Nota-se, no universo escolar, um desdobramento usual do conceito de intertextualidade no âmbito dos dispositivos que regem ou delimitam diretrizes quanto à ação pedagógica dos centros acadêmicos ou espaços destinados à construção do saber inaugural das ciências humanas e exatas. Um caso bem específico desta prática é observado no Brasil, pois a noção de intertextualidade está presente na constituição de documentos oficiais, no caso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da disciplina de língua portuguesa, de forma que, sua materialização no universo escolar se dá na construção de materiais didáticos que balizam a prática docente concernente à construção do saber humano supramencionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo intelectual do ocidente ainda está sendo impactado com a influência do pensamento conciliador de Júlia Kristeva, pois, apesar da amplitude de seu trabalho, ela não perdeu as suas ideias centrais com base no pós-estruturalismo – ela que pode ser considerada a maior representante ainda viva de tal corrente. Ela é um exemplar ainda vivo das recentes perdas da filosofia europeia que abarcavam nomes como Derrida, Deleuze, Lyotard e Foucault.

A contribuição de suas pesquisas prestigiou o mundo com um dos mais completos trabalhos sobre a no campo da linguística em *História da linguagem* (1974). Colaborou para as áreas da Antropologia, Psicologia, Filosofia Política, dentre outras das quais são testemunhas a extensa lista de premiações que ela ganhou.

Para além de seu trabalho, a sua história de vida lhe confere uma importância singular para o desenvolver do pensamento no século XX, pois, mesmo em meio à era dos extremos, ela permaneceu firme da defesa dos direitos humanos, do humanismo e da democracia. Uma mulher emancipada tal qual o seu pensamento.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, P. (2010). Prefácio: **Uma obra à prova do tempo**. In: BAKHTIN, M. M. (1929/1963). Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. de Paulo Bezerra. 5. ed. 2. tiragem. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva**. 250 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CLARKE, Margaret Anne. Júlia Kristeva: para além do simbólico. **LitCult**, nov. 2012. Disponível em: <<http://litcult.net/2012/11/06/julia-kristeva-para-alem-do-simbolico>>. Acesso em: 22 maio 2018.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1974.
- _____. **Introdução à semianálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **Introdução à semianálise**. Trad. de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. Um novo humanismo em dez princípios. **IHU Unisinos**, out. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/502342-um-novo-humanismo-em-dez-principios-artigo-de-julia-kristeva>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- _____. Thinking about liberty in dark times. **Holbergprisen**, Dec. 2004. Disponível em: <<https://www.holbergprisen.no/en/holberg-lecture-2004-thinking-about-liberty-dark-times>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 17, n. 1, p. 137-151, jan./abr. 2017.
- NOLASCO, Ana. **Transgressão do belo: invenções do feio na arte contemporânea portuguesa**. 2010. 12 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia Estética e Filosofia da Arte) – Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- OLIVER, Kelly. Julia Kristeva: French Author. **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Julia-Kristeva>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- SILVA, Marcio Renato Pinheiro. Leitura, texto, intertextualidade, paródia. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 211-220, 2003.
- TROMBLEY, Stephen. **50 Pensadores que formaram o mundo moderno**. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

